

7-2013

Extracto de Carta (Agosto - Setembro / 1999)

Arnaldo da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

da Rocha Ferreira, A. (2013). Extracto de Carta (Agosto - Setembro / 1999). *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol23/iss23/54>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

07

EXTRACTO DE CARTA (AGOSTO – SETEMBRO / 1999)

“Escrevo de Malanje onde cheguei ontem e amanhã partirei para Kalandula. É sempre uma travessia como se fosse no deserto. O coração em certos troços de estrada trabalha mais apressadamente, mas temos de andar para sobreviver e ajudar o povo a não sofrer tanto. Estamos a passar por uma fase muito má, talvez das piores desde a independência. À volta da missão de Kalandula temos aldeamentos para deslocados. Temos cerca de uns cinco mil mesmo junto à Missão com todos os problemas que se podem imaginar e que surgem a toda a hora. O nosso dispensário, o único a funcionar em pleno, está cada vez mais concorrido mesmo de pessoas que lá vão de Malanje. Nesta cidade de Malanje não há nada para dar saúde e o que aparece é vendido a preço de diamante e por isso as pessoas acorrem a Kalandula, porque têm esperança de serem atendidos e de recuperarem a saúde. O nosso dia a dia é uma luta que nunca acaba para atendermos este pobre povo e dar-lhe um pouco de saúde e sobretudo a esperança de dias melhores.

Com esta situação assim é claro que não poderei ir de férias. Rezem um bocadinho ao Pai para podermos prosseguir esta luta que é a luta do povo”.

08

NOVO ATAQUE À MISSÃO DE KALANDULA

SEMEADORES DE MORTE

No passado dia 25 de Julho (2000) tivemos uma pequena visita dos donos e profissionais da guerra. Aos 7 minutos para as 6 horas da manhã, estando já há cerca de 10 minutos na igreja, começou uma trovoada de tiros. Ninguém contava com tal visita e apenas me limitei a fechar a igreja e ir para casa debaixo da “festa”... O povo que vive ao redor da missão logo cada um apanhou as suas “imbambas” e fugiram para o capim como é hábito ou costume. Mais uns poucos tiros e muitos, e choro de óbito: a filha dum nosso catequista geral foi baleada à porta da casa de seus pais e na presença deles caiu sem vida. Como havia um óbito duma senhora que falecera na véspera, pensei que seria isto só. Afinal logo a seguir ouvi o nome da filha atingida, Rebeca. O pai e a mãe vieram logo dar-me a conhecer o que tinha acontecido. Fui ao local e diante da triste realidade as palavras não saíram. Apenas as lágrimas se desprenderam juntando-se às dos pais amargurados e desfeitos com a dor: 24 anos de idade, dois e tal de casada e uma criancinha de 10 meses que dormia na cama da mãe. Alheia a tudo como alheia estava a sua pobre jovem mãe. Um rebento cortado, um fruto sem alimento... mais uma situação, a sexta, a tornar a nossa fé mais provada.